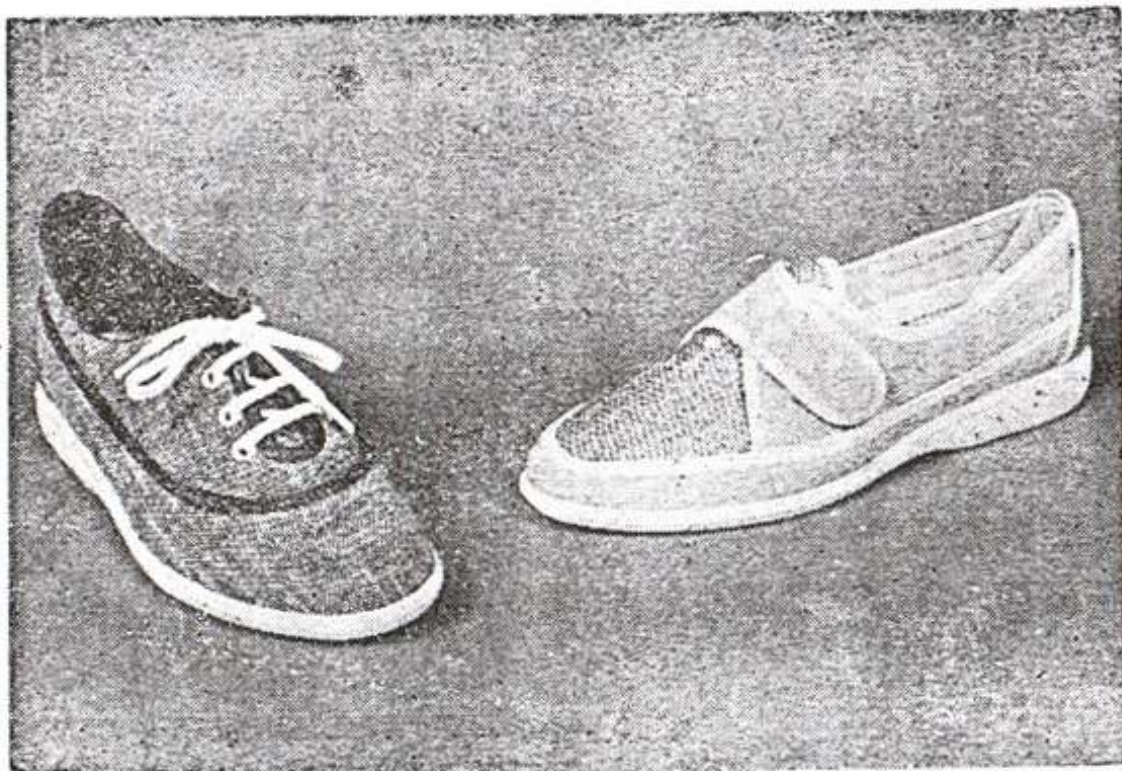


Calçado Infantil: a reclamação é geral



A nossa reportagem em contatos com alguns empresários no ramo calçadista, obteve com unanimidade, a preocupação dos empresários pois em julho que era uma época em que se vendia bem e as produções iam

a todo vapor, no corrente ano a situação é inversa, com várias indústrias mantendo uma produção para não parar a fábrica e aguardando a melhora no mercado interno, onde as compras durante o corrente mês es

tão totalmente paralizadas, "salvo com alguns colegas, que estão exportando" afirmava um entrevistado, mas a maioria está apreensiva, já que, caminhamos para o final do ano e as vendas ainda não esqueceram.

Segundo outro calçadista, que tem suas vendas junto as grandes lojas de São Paulo, a razão da queda dos pedidos é da falta de vendas ao consumidor e tem muita relação com a greve dos professores, onde com a continuidade das aulas, não aconteceu as férias escolares de julho e a falta do turista na capital, como sempre aconteceu no passado.

E não é só no ramo de calçados, explicava outro empresário. Também no mercado de roupas a recessão por falta de comprador atingiu todo o mercado interno.

Já as grandes fábricas, a produção está garantida até setembro.

Hoje o setor calçadista de Birigui, emprega mais de 10 mil pessoas, nas 110 fábricas, que esperam produzir mais de 26 milhões de pares até dezembro.

Petrilli-Oliveira e o progresso em seus pés

Carmelo Valdemar Petrilli e Otaviano Oliveira Filho, entram em agosto de 63 no ramo industrial com a Petrilli-Oliveira —

Injetados para Calçados Ltda., fabricando saltos e solados para calçados.

No início trabalhavam com borracha,

mas esta não mostrava ter grande durabilidade; apareceu então no mercado o P.V.C., material que substitui com vantagem de durabilidade a borracha, visto que esta já estava sendo difícil no mercado; e hoje, o PVC constitui a principal matéria na confecção de solados.

Contando hoje com 75 funcionários, produzindo trinta mil pares por dia de saltos e solados, a Petrilli-Oliveira atende grande parte do mercado brasileiro, distribui sua produção nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Nordeste e 40% de sua produção é distribuída aqui mesmo, em Birigui. Suas vendas estão boas; segundo relata o empresário — e o que dificulta um pouco é a economia do país, “não podemos manter preço por um longo período, e isso afeta toda indústria; porque a matéria-prima sobe constantemente, desta forma o produto também tem que ser alterado.

Referindo-se aos planos da indústria, “a meta que podemos atingir e temos condições para isso, é dobrar a produção e expandir as instalações industriais, mas não podemos de imediato investir nisso, temos que aguardar as decisões governamentais, ver o que vai acontecer nos planos da economia brasileira, não podemos depositar confiança nos planos do governo que constantemente estão mudando, dificultando os propósitos futuros de toda indústria”. A empresa dá total apoio e benefícios ao empregado: assistência médica, convênio farmácia, enfim toda assistência e amparo geral que o trabalhador necessite.

Trabalhando assim, a Petrilli Oliveira, tem contribuído com o progresso de Birigui, colocando novo “solado” para que este não pare de andar.

Koala: a nova opção em embalagens

Devido a cidade de Birigui, pelo seu enorme polo industrial necessitar de mais uma empresa na produção de embalagens, foi fundada em março de 1935 a Koala - Indústria de Embalagens Ltda. pelo respectivo Grupo Bical.

Operando hoje com 70 funcionários, a empresa tem uma produção diária de 25 caixas de embalagem para calçado por dia, distribuindo a mesma em todo comércio biriguiense e em toda a região, tendo o produto bem aceito, ocasionando em boas vendas.

Como toda empresa, o objetivo da Koala é de expandir-se, pois assim se totaliza os seus planos onde "até o final do ano estará em prédio próprio e maior, adquirindo novas máquinas e ampliar a produção e o

próprio mercado, e também oferecer mais vagas de emprego".

"Hoje, a situação econômica nacional traz uma forte pressão a todas as empresas, devido o choque inflacionário que este produz e isto se reflete em toda a empresa" — foi o que disse o gerente de vendas da empresa — e acrescentou que "as metas e os objetivos da Koala, mesmo com uma difícil situação, tiveram um crescimento de 100%, mostrando ter um forte ponto significativo frente a própria situação econômica.

Desenvolvendo novos serviços, a Koala — Indústria de Embalagens Ltda. vem contribuindo desde 1985, juntamente com as demais empresas em Birigui, para o crescimento e desenvolvimento do polo industrial da mesma.

DIÁRIO DE BIRIGUI

JORNAL MATUTINO DE CIRCULAÇÃO REGIONAL

Diretores Proprietários: DAGOBERTO HARGREAVES e LUCIA HELENA BARBOSA DE ALENCAR
Fundado em 15 - 03 - 1974 - Redação e Oficinas: Rua Saudades, 1.395 - Telefone: 42 - 2059 - Birigui - SP

ANO XVI ★ NCZ\$ 1,50

BIRIGUI (SP), QUARTA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 1.989

NÚMERO 3.509

Os sapateiros falam de seu trabalho

Se você não estiver descalço, olhe para os seus pés e adivinhe de quem é o dia como morado hoje. No entender do presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui, o vereador e empresário Marco Antonio Oliveira (PMDB), "sapateiro é toda pessoa envolvida na indústria de calçados" — e hoje é seu dia.

A reportagem do Diário de Birigui tentou saber como é a condição do sapateiro numa das cidades que mais concentra indústrias calçadistas, conhecida até como a capital do calçado infantil. Os sapateiros hoje em Birigui são cerca de 10 mil — cálculo do sindicato patronal — e produzem aproximadamente 120 mil pares por dia, empregados em 179 empresas.

DIFICULDADES

Baixos salários e ineficiência do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário foi consenso entre os entrevistados, ao lado de algumas observações sobre condições do trabalho. Silvio Gomes, 18 anos de idade e 7 trabalhando no ramo, diz que há falta de ventilação no local de trabalho e que não tem segurança para realizar sua função como abastecedor de esteira — faltam luvas para proteção das mãos.

Falta de ventilação também é o problema apontado por L. da S., sapateiro há 5

anos, atualmente pespontadeira numa empresa de porte médio. Preferindo não revelar seu nome por extenso, L. da S. afirmou que, apesar do problema apontado, o ambiente e as condições gerais de trabalho são boas.

Sindicalizados ou não, os sapateiros ouvidos pela reportagem foram unânimes

em declarar que o seu sindicato não tem trabalhado por eles. Moacir Negrini, encarregado de pesponto há 19 anos no ramo, ganha apenas o salário e é sindicalizado "apenas para pagar contribuição, mas nós não recebemos nada em troca, nenhum benefício; nem mesmo em eleições somos avisados".

Zilda Albertoni, há apenas 8 meses no ramo, ganha o salário e acha "melhor que

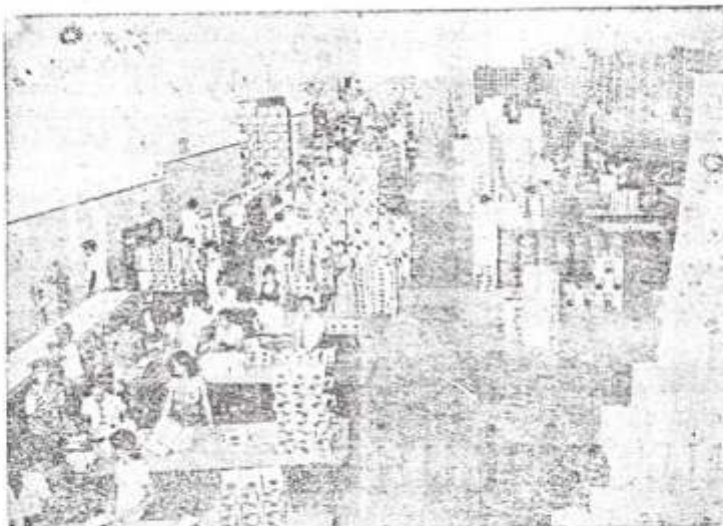
nada". Sindicalizada, diz que não votou nas eleições de setembro porque não foi informada pelo sindicato. Este foi o caso de Silvío Gomes, para quem a entidade dos sapateiros "nunca fez nada de útil".

Curiosamente, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias de Vestuário, Odair Calegari, é advogado e não sapateiro, há alguns anos à frente desta entidade, Calegari não compareceu ao encontro marcado.

O QUE PENSA O SINDICATO PATRONAL

Para o presidente do Sindicato das Indústrias de Vestuário, o "bom entrosamento" entre os dois sindicatos traz um "bom atendimento" à categoria, que por esta razão não faz movimentos grevistas, a exemplo de outras categorias em Birigui. Oliveira acredita que este "entrosamento" proporcionou aos trabalhadores grandes conquistas nos três últimos anos.

Como vitórias ele cita "melhores salários, conscientização dos empresários com relação aos direitos do trabalhador, melhores condições de trabalho" — convênios médicos e dentários, refeitórios nas indústrias. De acordo com o presidente do sindicato patronal, "tudo que vem ao encontro dos direitos dos trabalhadores está sendo atendido de acordo com nosso alcance".



Os sapateiros se queixam que os salários ainda são baixos e o seu sindicato tem pouca atuação.